

PROMOVENDO ESPAÇOS DE CUIDADO E ACOLHIMENTO: A IMPLANTAÇÃO DA SALA DE AEE NA ESCOLA MUNICIPAL PRESIDENTE ITAMAR FRANCO

**Promoting Spaces of Care and Welcoming:
The Implementation of the Specialized
Educational Assistance (AEE) Room at
Presidente Itamar Franco Municipal School**

**Autor 1¹ RENATA RAQUEL COSTA ,
rcosta@edu.pbh.gov.br
Autor 2² ANITA LIMA PIMENTA,
anitalima@edu.pbh.gov.br**

Resumo: O trabalho que será exposto inicia-se com a inauguração da sala de Atendimento Educacional Especializado na escola Municipal Presidente Itamar Franco. Foi pensado em cada detalhe para torná-lo uma experiência que transpareça o cuidado e a atenção destinado às famílias que dele usufruírem. Desse modo, o título desse material já nos orienta sobre ações desempenhadas para caracterizar um serviço de qualidade e que zele pelo bem-estar de todos os envolvidos. Cuidar de quem cuida abrange a mobilização de pessoas desde a portaria aos serviços internos, estudantes, professores, coordenações, equipe de limpeza, cantina e direção. Neste contexto, apresenta-se como objetivo principal, atribuir o contorno das ações em uma perspectiva inclusiva para que todos se sintam contemplados nos atendimentos da sala. Para tal, buscou envolver toda a escola no que tange o conhecimento do serviço, a proposta, as ações envolvidas e assim possibilitar que todos se sintam construtores dessa iniciativa e contribuam para que prospere. Os resultados estão sendo colhidos por meio de relato das famílias, retorno dos funcionários e maior integração do serviço na dinâmica escolar. Espera-se prosseguir com o mesmo entusiasmo e dinamismo para configurar não apenas a sala, mas todas as escolas como espaços do cuidado e da inclusão, do acolhimento e respeito à diversidade.

¹ Doutora em Estudos Linguísticos pelo Centro Federal de Educação Tecnológica - Cefet/MG .

² Doutora em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade de Passo Fundo - UPF/RS.

Palavras-chave: Perspectiva Inclusiva. Atendimento Educacional Especializado. Cuidado .

Abstract: The work presented here begins with the inauguration of the Specialized Educational Support room at the Presidente Itamar Franco Municipal School. Every detail was carefully considered to create an experience that reflects the care and attention dedicated to the families who would benefit from it. Thus, the title of this material reflects the actions taken to establish it as a high-quality service that prioritizes the well-being of everyone involved. "Caring for the caregivers" entails mobilizing people across the board—from security staff to internal support teams, students, teachers, coordinators, and the school administration. In this context, the primary objective is to shape these actions through an inclusive perspective, ensuring that everyone feels included in the support provided by the room. To achieve this, the initiative sought to involve the entire school community—sharing knowledge about the service, its purpose, and the activities involved—so that everyone could feel like co-creators of the project and contribute to its success. Results are being gathered through family testimonials, staff feedback, and the service's growing integration into the school's daily dynamics. The aim is to continue with the same enthusiasm and energy, transforming not only this specific room but all schools into spaces of care, inclusion, welcoming, and respect for diversity.

Keywords: Inclusive Perspective. Specialized Educational Support. Care.

1 INTRODUÇÃO

A diferença é a única característica que nos unifica como seres humanos. Somos todos seres singulares e, como consequência, necessitamos de um olhar, um cuidado que nos acolha e valorize como somos.

Desse modo, pensamos que o

cuidado seja uma palavra que se aplica às diferenças, pois ela diz de uma prerrogativa ao lidar com o outro sem inferiorizar ou mesmo descaracterizá-lo. Diz de uma relação que se pauta pela atenção e reconhecimento das singularidades como forma de eliminar desigualdades.

Logo, cuidar é um verbo que imprime uma ação de zelo, dedicação e doação de tempo. Ao praticar essa ação edificamos um caminho novo, que se constrói mais solidamente e com a força de todos que se implicaram.

Essa é a concepção que se pretende ao inaugurar a sala do atendimento educacional na Escola Municipal Presidente Itamar Franco na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte: criar um espaço que todos conheçam, cuidem e sejam cuidados para assim se construir um serviço sólido que cumpra a função a que se destina.

A inclusão escolar no Brasil representa um avanço significativo no reconhecimento do direito à educação para todos, inclusive para estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. Durante muito tempo esses estudantes foram excluídos do ensino regular, sendo direcionados à

instituições especializadas ou privados do acesso à escolarização formal. Esse cenário refletia uma concepção equivocada baseada em padrões de normalidade e na desconsideração da diversidade humana. (Carvalho e Rocha, 2026)

Esse serviço, denominado Atendimento Educacional Especializado, doravante AEE é um atendimento que será oferecido em salas localizadas em escolas públicas municipais de educação básica dotadas de mobiliários adequados, materiais didáticos e pedagógicos, recursos de acessibilidade e equipamentos específicos para estudantes que constituem o foco de atendimento desse serviço: alunos com deficiência visual, auditiva, física e intelectual, transtorno do espectro autista -TEA superdotação e altas habilidades.

Sua modalidade mantém uma organização com potencial para se conhecer o estudante em seus espaços formativos, sejam eles: a sua casa, por meio de um contato estreito e permanente com as famílias, a sua escola, obtido na observação sistematizada em momentos diversos e principalmente, em atividades específicas nos atendimentos e/ou

visitas nas salas de aula das escolas que os estudantes desempenham as suas atividades regulares.

O AEE não pretende substituir os atendimentos clínicos que o estudante frequenta ou é orientado a buscar. Não se trata de um momento de terapia ou aula particular. Tem uma essência pedagógica e visa analisar as condições de cada estudante e empreender esforços para que barreiras que impeçam o seu desenvolvimento possam ser eliminadas e outras pontes sejam construídas. Aos estudantes são ofertados momentos de interação para que o seu potencial consiga se manifestar em plenitude, por meio de jogos que visam desenvolver as funções executivas e com isso, reverberar em sala regular as melhores condições para o aprendizado do currículo formal.

Esse serviço, instituído há treze anos na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte teve a sala inaugurada no ano 2023 na escola sede referida e tem como meta criar um espaço que todos sejam esclarecidos de sua função e razão de ser e estar nessa escola: os estudantes e sua permanência com êxito e acessibilidade garantida. Pretende-se também que atuem como protagonistas na

efetivação do serviço e com isso, em um esforço coletivo, construam uma escola inclusiva, na qual os estudantes sejam respeitados em suas singularidades e incentivados a conhecerem os seus limites para superá-los.

Elencamos como participantes imprescindíveis para que esse projeto se efetive, a contribuição de todos os funcionários da Escola Municipal Itamar Franco. Nosso respeito e gratidão a todos que com sua singela e generosa parcela de cuidado, lapidou cada ação para que essa história fosse possível de ser descrita hoje.

A partir dessa premissa, fazem-se necessárias algumas ações, que serão descritas, para a instauração e desenvolvimento desse serviço com excelência.

Neste cenário, apresentamos a seguinte pergunta norteadora: Como as ações de implantação da sala de AEE na Escola Municipal Presidente Itamar Franco podem ser estruturadas sob a ótica do cuidado e do pertencimento, de modo a garantir a efetiva inclusão de toda a comunidade escolar?

O presente estudo tem como objetivo geral atribuir o contorno das ações em uma perspectiva inclusiva, pautada na ética do cuidado, para que

todos os sujeitos da comunidade escolar se sintam contemplados e engajados nos atendimentos do AEE.

Para alcançar tal finalidade, elencam-se como objetivos específicos:

- a) apresentar a sala e a proposta de serviço a todos os envolvidos;
- b) criar momentos de escuta e acolhimento de todos os profissionais da educação;
- c) convidar a todos os integrantes da escola para participar da construção desse serviço;
- d) refletir sobre as práticas na escola e em sala de aula;
- e) cuidar de todos os envolvidos nesse serviço para que tenham condições de participar;
- e f) Sensibilizar a todos para a construção de uma escola mais inclusiva.

2 CAMINHOS DA PESQUISA

A construção de um sistema educacional inclusivo se constitui com a criação de documentos curriculares que considerem a transversalidade da Educação Especial em todos os níveis de ensino por meio de ações pontuais que garantam o direito humano e a aposta em um salto qualitativo na educação, sendo verdadeiramente, com todos e para todos!

Sendo assim, para ensinar a todos os estudantes, que constitui um dever da escola, é preciso repensar a

forma pela qual as ações pedagógicas são planejadas, desenvolvidas e avaliadas. Um bom começo é pensar em um modelo educacional que não padronize modos de aprender, assim como não se espere mesmos resultados, considerando que os sujeitos são únicos, assim como as suas performances face às experiências que são expostos.

É necessário romper com o ensino transmissivo que propõem uma única forma de ensinar e prevê um mesmo modo de aprender que permita pensar na multiplicidade de modos de ser e fazer, na subjetividade e a diferença que constitui cada indivíduo (DELEUZE, 2006).

Há que se empreender um esforço coletivo, envolvendo todos os agentes educativos da escola para constituírem um espaço definitivamente para todos. (MANTOAN, 2014).

Propor práticas que neguem a diferença de ritmos e aprendizagens, ou busque uniformizar, igualar a todos sem reconhecer as suas diferenças, já parte de um pressuposto que não considera as especificidades, logo, exclui, segrega e categoriza, deixando sempre a parte aquele que não se adequa.

Constitui como uma ação que promove a inclusão: receber o

acolhimento de um professor que, se fantasiou para uma atividade na escola e causou imenso encantamento dos estudantes e se dispôs a tirar uma foto para registrar aquele momento. Para o estudante o professor parecia uma celebridade e para o docente, representou um ato de generosidade.

Como o lugar pretendeu ser conhecido a todos, as auxiliares da limpeza, também participam das interações, chamam os estudantes pelo nome e se dispõem a compartilhar estratégias com eles.

E ao dizer essas ações, tem-se como base, a reflexão sobre o currículo. Qual seria o currículo ideal? Aquele pensado para os estudantes ideais (por atenderem às expectativas da sociedade), aquele que suporta ajustes para os estudantes que não aprendem como os que foram idealizados? Ou ainda aquele que considera a diferença como um padrão de seleção?

Há que se refletir sobre a singularidade das pessoas e a sua possibilidade de transformação, como uma expressão única de um eterno devir. Somos seres da mudança, da inconstância, da revelação e, um currículo pensado para pessoas assim, jamais pode ser um fim em si mesmo

de modo padronizado e inflexível a mudanças.

Deve-se pensar um currículo em constante transformação para que cada vez mais incorpore as diferenças de forma a não categorizar e a igualdade como modo de não anular as especificidades de cada um.

Nesse ponto, faz-se necessário discutir as sutilezas de conceitos que permeiam a construção de currículos e podem torná-los mais inclusivos. A iniciar pela concepção que se tem referente ao ato de ensinar. Essa não pode ser uma ação concebida de maneira desprestigiada (aliás, nunca é assim) para um conjunto de estudantes uniformes e, pensar nesse grupo, muitas vezes expresso pela maioria, sem considerar os demais alunos que tendem a ser segregados do processo. Não cabe adaptar atividades ou conteúdo para que eles caibam nesses moldes. Já foi superado o paradigma da integração, no qual o estudante se ajusta ao que se espera dele. E, ajustar um currículo para que comporte diferentes, não é incluir e sim, cometer a mais nefasta forma de exclusão disfarçada de boas intenções.

O caminho da aprendizagem deve ser encarado com um percurso livre, indeterminado, inacabado, puro

devir. Se há a necessidade de adaptar atividades, significa dizer que o currículo não foi planejado para todos. Isso escancara a perversidade de um sistema educacional pensado apenas para alguns. Adaptar o ensino não é a saída para se ensinar a todos, pois se assim fosse, os desafios de se trabalhar com todos os estudantes seriam, paliativamente, moldado por ações que aparentam incluir, mas negam o direito de ser diferente na escola. (MANTOAN, 2002).

O planejamento de ensino deve ser organizado em função de todos, a partir das diferenças que caracterizam o público a que se destina. Cada estudante pode se organizar em situações nas quais ele seja respeitado de acordo com o seu modo de participar, respeitando as suas singularidades.

É preciso criar um sentido para a escola, criar maneiras de favorecer o desenvolvimento de todos a partir do que cada um pode oferecer. Conceber o conhecimento como criação pode ser a saída para que todos sejam incluídos, pois, nessa perspectiva, cada um é livre para aprender em seu tempo, do seu modo, seguindo rotas singulares e não lineares, como a escola, geralmente, espera. Não se deve

pretender homogeneizar turmas, pois seria um exercício que tolhe e não amplia direitos.

Enxergar as disciplinas como um meio e planejar atividades que visam superar o individualismo, pode ser um caminho promissor para um ensino inclusivo, no qual as diferenças impõem um ritmo, mas não definem as possibilidades.

E propor essa discussão sobre currículo e práticas de sala de aula urge acontecer, pois mantém uma intrínseca relação com o serviço do AEE. O atendimento visa garantir a acessibilidade dos estudantes nas salas de aula regulares e desse modo, pensar no ensino, na forma como é ministrado, nos professores que desempenham essa função, na estrutura arquitetônica, constituem saltos qualitativos em relação à acessibilidade pedagógica e atitudinal, ao respeito aos estudantes que devem ter resguardados o seu direito de inserção, permanência com sucesso e conclusão com êxito durante todo o percurso escolar.

Aos professores há de se externar imenso apreço e reconhecimento por serem profissionais incansáveis na conquista de melhores formas de se recriarem diante dos desafios e se tornarem pessoas

melhores nesse exercício. Estão sempre abertos ao diálogo, às interações e são peças fundamentais para que a engrenagem da diversidade aconteça e se efetive nos espaços escolares.

Pensar em inclusão, diz sobretudo de um caminho a ser trilhado, pois no encontro com cada ser humano, um mar de possibilidades se apresenta e a partir daí um esforço genuíno e esperançoso se inicia para conhecer e investir. Não se há uma fórmula única ou um mesmo jeito de ser e agir com os sujeitos, o que deve haver sempre é uma intenção, a promoção de um encontro e assim, a descoberta. Sempre podemos aprender uns com os outros, em comunhão e sairmos enriquecidos dessas relações. A grande conquista da implementação da educação inclusiva é pensar em um ensino melhor para todos, sem que se paute em atividades diferentes para alguns, afinal todos podem se beneficiar de momentos mais criativos, práticas mais interessantes e encontros mais profícuos.

2.1 Caracterização da pesquisa

Trata-se de uma pesquisa de campo com abordagem qualiquantitativa, de caráter descritivo e

interventivo, configurada como um **relato de experiência de uma intervenção pedagógica e social**. A investigação pauta-se na perspectiva da **pesquisa-ação e na ética do cuidado**, na qual a pesquisadora atua simultaneamente como agente transformadora do espaço escolar e observadora dos impactos gerados pela implementação da nova sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) (GIL, 2017).

2.2 Área de Estudo e Público alvo

A área de estudo contemplada nesta investigação corresponde à Escola Municipal Presidente Itamar Franco, integrante da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte. O recorte abrange tanto a recém-inaugurada sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) quanto os espaços coletivos da instituição, incluindo salas de aula regulares, recepção, pátio e ambientes administrativos.

O público-alvo compreende a comunidade escolar em sua totalidade, organizada em três segmentos principais. O primeiro grupo refere-se aos estudantes público-alvo da Educação Especial, encaminhados e matriculados nos atendimentos do AEE,

cujas participações são centrais para a avaliação da efetividade das práticas inclusivas.

O segundo grupo é formado por famílias e cuidadores, responsáveis diretos pelos estudantes atendidos, que desempenham papel fundamental na mediação entre escola e contexto social.

Por fim, o terceiro grupo corresponde à equipe escolar integral, composta por professores da regência regular, coordenadores pedagógicos, equipe diretiva e funcionários do apoio operacional e dos serviços internos (portaria, limpeza e alimentação).

Essa abrangência assegura uma visão holística da instituição, reconhecendo que a construção de práticas inclusivas e integradas depende da articulação entre todos os atores que compõem o ambiente escolar.

2.3 Metodologia da pesquisa

O percurso metodológico fundamentou-se na primazia do acolhimento, da escuta qualificada e da construção coletiva. As ações organizaram-se nas seguintes dimensões de desenvolvimento:

Escuta do território: diagnóstico e sondagem da comunidade:

- a) Disponibilização de uma "Caixa de Expectativas" para coleta anônima e espontânea das impressões e anseios dos profissionais quanto ao novo serviço.
- b) Realização de sondagem com a equipe escolar para mapear o nível de conhecimento prévio acerca da finalidade da sala de AEE.
- c) Observação participante e mapeamento dos ambientes escolares e das turmas de origem dos estudantes indicados.

Despertar do olhar: ações de acolhimento e sensibilização dos profissionais:

- a) Reuniões de apresentação do serviço da sala de AEE destinadas aos professores, gestão e equipe de apoio operacional.
- b) Entrega de marcadores afetuosos (lembrancinhas/bombons) acompanhados de reflexões breves sobre a postura inclusiva e o papel de cada profissional no processo.

O abraço que sustenta: dispositivos de acolhimento familiar - "Cuidar de Quem Cuida":

- a) Recepção das famílias dos estudantes encaminhados para apresentação da sala e da nova docente do AEE.
- b) Estruturação de um espaço de recepção humanizado durante o tempo de espera dos atendimentos, com a oferta de chá, alimentos, livros para leitura deleite e materiais de expressão artística.
- c) Aplicação do "Kit Cuidado": Oferecimento de materiais artísticos (tintas, papéis, pincéis) para que os cuidadores expressassem seus sentimentos e vivências por meio de frases, pinturas e desenhos enquanto aguardavam os filhos. As produções resultantes foram organizadas e expostas em um painel mensal de acolhimento ao lado da sala do AEE.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A implementação da sala de AEE sob a ótica do cuidado gerou transformações no ambiente escolar e nos processos de aprendizagem, cujos resultados destacam-se em três eixos centrais:

3.1 O Impacto no desenvolvimento e

na autonomia dos estudantes

Os registros de acompanhamento revelaram avanços significativos na conduta e no desenvolvimento das funções executivas e pedagógicas dos alunos.

O ambiente acolhedor e as propostas sugeridas geraram maior adesão dos estudantes, refletida no entusiasmo e na assiduidade aos atendimentos. Os relatórios de observação e as devolutivas dos professores da sala regular apontaram melhorias no desempenho acadêmico e na interação social, com marcos inéditos de autonomia em tarefas do cotidiano escolar, os quais, embora por vezes considerados simples, representam conquistas estruturantes no percurso individual desses educandos.

3.2 Efetivação do princípio "cuidar de quem cuida" com as famílias

A inserção do "Kit Cuidado" e do espaço humanizado de espera transformou a relação das famílias com a instituição. Os relatos dos cuidadores expressaram um sentimento de valorização e pertencimento antes ausente. A exposição mensal das produções das famílias no painel ao

lado da sala de AEE visibilizou as subjetividades dessas pessoas, consolidando a premissa de que o suporte emocional e o respeito ao cuidador são pré-requisitos essenciais para a garantia do acesso e da permanência do estudante no serviço.

3.3 Sensibilização coletiva e clima institucional inclusivo

A estratégia de envolver todos os funcionários, desde a portaria até a gestão, desmistificou o AEE como um setor isolado ou estritamente clínico. A escuta inicial e as reuniões de sensibilização engajaram a comunidade escolar como corresponsável pela proposta inclusiva. O serviço passou a ser reconhecido como um pólo de articulação pedagógica e humana, demonstrando que a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva depende de um esforço coletivo sustentado pelo afeto, pela empatia e pela eliminação de barreiras atitudinais.

4 APROFUNDAMENTO DAS DISCUSSÕES

Os resultados obtidos a partir dos registros de acompanhamento, das observações realizadas no contexto escolar e das devolutivas dos diferentes

sujeitos envolvidos no Atendimento Educacional Especializado (AEE) mostram que a implementação da proposta fundamentada na perspectiva do cuidado produziu efeitos que ultrapassaram o atendimento individualizado aos estudantes.

As transformações identificadas alcançaram dimensões pedagógicas, relacionais, familiares e institucionais, indicando que o AEE, quando concebido como espaço de acolhimento, mediação e articulação, pode assumir uma função estratégica na construção de uma cultura escolar inclusiva. Observe os dados de análise na figura 1.

Figura 1 – Matriz de análise dos resultados da implementação do AEE sob a perspectiva do cuidado.



Fonte: GEMINI. Imagem gerada por Inteligência Artificial.

O cruzamento apresentado na figura 1 permite identificar que os resultados não devem ser compreendidos como acontecimentos independentes.

Ao contrário, existe uma relação de interdependência entre as dimensões pedagógica, familiar e institucional. O avanço dos estudantes, por exemplo, não aparece dissociado da criação de condições de acolhimento; da mesma maneira, a aproximação das famílias não ocorre isoladamente das mudanças produzidas na organização institucional.

Essa perspectiva desloca a compreensão do AEE de uma atuação centrada exclusivamente no estudante para uma concepção mais ampla, na qual cuidar, ensinar, acolher, escutar e articular constituem ações complementares.

O segundo eixo aborda uma ampliação do conceito de cuidado. A proposta não se restringiu ao estudante atendido pelo AEE, alcançando também aqueles que acompanham cotidianamente sua trajetória escolar. A implantação do “kit cuidado” e a organização de um espaço humanizado de espera constituíram estratégias que atribuíram visibilidade às necessidades dos familiares e cuidadores.

Nesse contexto, o cuidado assume uma dimensão relacional. A família deixa de ocupar uma posição exclusivamente associada ao acompanhamento do estudante e passa

a ser reconhecida como sujeito que também necessita ser acolhido pela instituição escolar.

A exposição mensal das produções realizadas pelas famílias reforçou esse movimento ao tornar públicas suas experiências e subjetividades no espaço escolar. A iniciativa pode ser interpretada como uma estratégia de reconhecimento simbólico, uma vez que possibilitou que os cuidadores fossem percebidos não apenas por suas responsabilidades, mas também por suas histórias, produções e formas de participação. Observe o quadro 1.

Quadro 1 – Dimensões do cuidado dirigido às famílias

AÇÕES DE ACOLHIMENTO E SEUS IMPACTOS RELACIONAIS NO AEE			
Ação	Necessidade contemplada	Evidência observada	Efeito relacional
Kit Cuidado	Acolhimento e bem-estar	Relatos positivos dos cuidadores	Sensação de valorização
Espaço humanizado de espera	Conforto e pertencimento	Maior aproximação com o ambiente escolar	Humanização institucional
Painel com produções das famílias	Reconhecimento e visibilidade	Exposição das produções	Valorização das subjetividades
Escuta dos cuidadores	Participação e reconhecimento	Relatos sobre a experiência com a instituição	Fortalecimento família-escola
Integração família-AEE	Corresponsabilidade	Maior aproximação dos sujeitos	Maior parceria educativa

Fonte: elaborada pelos autores.

O cruzamento demonstra que as ações destinadas às famílias possuem uma característica importante: não são complementares ou meramente decorativas ao atendimento pedagógico. Elas interferem na qualidade da relação entre família e

escola e contribuem para constituir um ambiente no qual os cuidadores se reconheçam como participantes do processo educativo.

Nesse sentido, o princípio “cuidar de quem cuida” adquire relevância justamente porque amplia o campo de sujeitos considerados pela política de inclusão. O estudante não está isolado de sua rede de relações. Assim, cuidar de sua trajetória educacional implica também considerar as condições relacionais que sustentam sua presença, participação e permanência na escola.

O terceiro eixo apresenta uma transformação de natureza institucional. A estratégia de envolver funcionários de diferentes setores da escola, incluindo profissionais que não atuam diretamente no AEE, produziu uma mudança na compreensão do serviço.

A escuta inicial e as reuniões de sensibilização favoreceram a passagem de uma concepção do AEE como espaço individualizado para uma compreensão de que a inclusão é responsabilidade de toda a comunidade escolar.

Esse resultado é particularmente significativo porque as barreiras à inclusão não são exclusivamente pedagógicas. Elas também podem ser

produzidas por atitudes, expectativas, formas de comunicação e práticas institucionais. Consequentemente, a sensibilização dos diferentes profissionais constitui uma ação preventiva e transformadora, pois amplia a capacidade da instituição de reconhecer e enfrentar barreiras atitudinais.

Figura 2 – Da centralização do AEE à co responsabilização institucional



Fonte: elaborada pelos autores

Os dados permitem verificar que uma das principais contribuições da experiência foi a resignificação do lugar institucional do AEE. O serviço passou a funcionar como pólo de articulação entre diferentes sujeitos e práticas educativas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Faz-se necessário retomar algumas indagações que surgiram desde a inauguração do serviço na escola para identificar o avanço das ações tomadas.

Ter o direito a ser igual, mesmo estampando tantas diferenças fenotípicas, psíquicas e comportamentais e não ser inferiorizado por isso, deve constituir o dever de casa de todos os dias. Lutar para que o direito às diferenças seja mantido, quando se utiliza delas para descaracterizar ou mesmo subjugar é o que deve também motivar.

Há urgência em criar espaços nos quais a igualdade seja reconhecida para diferenciar os espaços como potencializadores de talentos, que muitas vezes estão encobertos ou invisibilizados. Alimentar ou mesmo reproduzir desigualdades deve ser combatido e nós, como educadores, implicados na construção de uma sociedade mais justa e igualitária constituímos uma parcela importante da população capaz de fazer a diferença. Faz-se necessário promover discussões, criar momentos de reflexão e questionar o que para muitos pode significar o máximo a ser feito. A Educação inclusiva reflete uma mudança em direção à maior equidade e justiça social. Esses são pilares para a construção de uma sociedade mais justa, reduz estigmas e direciona para a compreensão das diferenças como âncoras para um desenvolvimento mais

humanizado. COTA, CRISCOULLO CRUZ, GUIMARÃES e VILELA, 2025.

Não há uma receita para se incluir, há caminhos que podemos trilhar e passos que nos conduzem a destinos que acreditamos ser os promissores e, parafraseando Mantoan, 2003, *temos de saber aonde queremos chegar para encontrar* um caminho, porque não existe o caminho, mas caminhos a escolher, decisões a se tomar.

E escolher é sempre correr riscos. Agradecemos a todos que generosamente sonharam e ainda se veem sonhando acordados na construção desses caminhos, tomando decisões e assumindo riscos por um mundo mais fraterno e inclusivo.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, S. M. O.; ROCHA, F. L. P. **A Inclusão Escolar e os Marcos Legais da Educação Brasileira: Reflexões Sobre Direitos e Práticas Pedagógicas.** Revista Tópicos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 30, p. 1-19, 2026. ISSN: 2965-6672.

COTA, Elisa; CRISCOULLO Lia; CRUZ, Thalita GUIMARÃES, Iolanda; VILELA, Bianca. **A Educação Inclusiva: desafios e possibilidades.** 2025

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. [Tradução. Luiz Orlandi e Roberto Machado]. Rio de Janeiro: Graal, 2006

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2017.

MANTOAN, M. T. **Produção de conhecimentos para a abertura das escolas às diferenças**: a contribuição do Laped (Unicamp). 2024

ROSA, D. E. G. & SOUZA, V. D. de (orgs.). **Políticas organizativas e curriculares, educação inclusiva e formação de professores**. Rio de Janeiro, DP&A, p. 79-93, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa (2003). **“Poderá o direito ser mancipatório?”** Revista Crítica de Ciências Sociais. 62, 3-76.